

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 6 n.º	N.º à entrega	32.º Anno — XXXII Volume — N.º 1101	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	\$950	\$120	30 de Julho de 1909	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	—	—		
Extrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	—	—		

CHRONICA OCCIDENTAL

Um livro que apareceu agora, escripto por Caetano Alberto, e simplesmente intitulado *Contos e Digressões*, oferece á chronica o amavel ensejo de lastimar que vá quasi desaparecendo um genero de literatura que tanto caracter teve em Portugal e tanto se coadunou com o nosso feitio e o nosso gosto. Quasi desaparecendo, digo bem, pois que dos vivos e velhos que o cultivaram com mais entusiasmo raros são já os que ainda dão signaes de vida, como Caetano Alberto; e dos novos, nem se fala.

Foi esse o genero de literatura preferido de escriptores que tiveram o nome de Benalcanfór e Teixeira de Vasconcellos, de Julio Cesar Machado e Manoel Rousado, de Gervasio Lobato e D. Thomaz de Mello. E ninguem dirá que todos estes não tiveram a melhor das nomeadas, e a não mereceram.

Os tempos eram muito outros, e muito outra a gente d'esses tempos. Havia mais alegria do que hoje, havia incomparavelmente muito mais alegria; basta mesmo dizer que havia alegria, e está dito tudo, porque a verdade é que hoje já a não ha. Havia tambem muita despreocupaçào, outra coisa que tambem acabou. A literatura, portanto, era o reflexo d'uma tal ventura de animos.

Claro que a alegria não era tanta que não deixasse haver gente de testa franzida; e sabe-se o que foi essa outra fórma de literatura que lhe correspondeu, pelos talentos poderosos d'um Herculano e d'um Latino. Mas gostava-se do devaneio, da fantasia ingenua e da facecia, e tudo isso entretinha e divertia muito mais a gente do que as theses, as psicologias, e os simbolismos da literatura modernissima. Pelo menos, os autores conseguiram isto, que á primeira vista se nos afigurava muito simples: uma pessoa lia-os, e ia logo entendendo o que elles queriam dizer — o que não acontece já com os de agora, porque uma pessoa lê-os, relê-os, e trelê, sem que haja meio de lhes meter dente.

O livro de Caetano Alberto, arranjado com uns poucos de capitulos, faz recordar em cada um d'elles por que meios simplicissimos se obtinham os desejados efeitos de enternecimento, de commoção, ou apenas de risota. A escola da justa moderação na fórma de escrever e descrever tinham então mestres como Julio Diniz e Pinheiro Chagas, e a popularidade não bafejava quem lhes não seguisse as pisadas. Se o proposito do escritor num dado momento era o de fazer chorar, a lagrima borbulhava e corria por si ao canto do olho, sem ser preciso, como hoje, estar a puxar por ella como quem puxa por um cordão de campainha. Se o escritor queria fazer rir, o riso vinha como vinha a lagrima, sem tambem ser preciso descalçar ao leitor a chinela e fazer-lhe cocegas na sola do pé.

O descriptivo da paisagem, da scena caseira, do episodio de todos os dias, era quando muito meia pagina de livro pequeno em-letra grada, e tudo ficava dito. O uso do adjetivo era quanto possível parcimonioso, e entrava na descripção como o sal na comida. Um clarão de luar era invariavelmente prateado; uma manhan de abril havia de ser sempre clara e uma noite de novembro sempre tenebrosa. E as searas sempre louras, o arvoredo sempre frondoso, o murmurio das aguas sempre brando, o vento sempre sibilino.

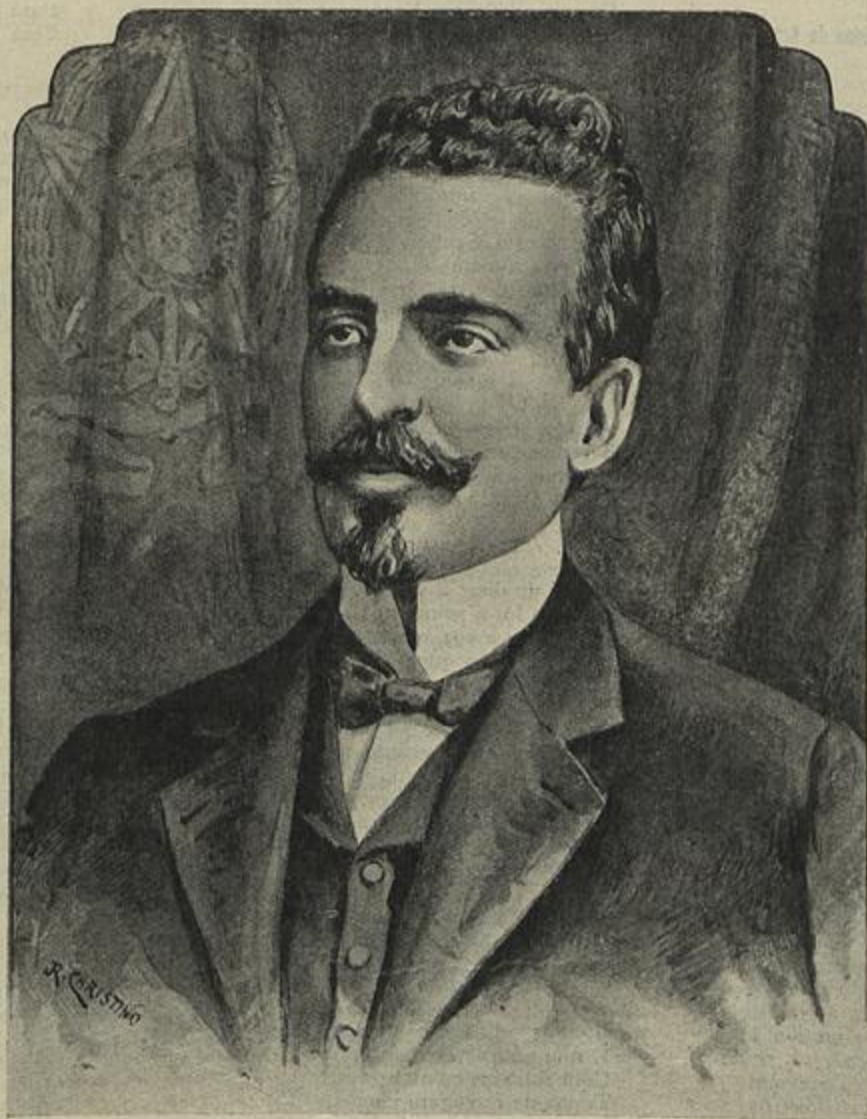
Se o autor entrava em casa do heróe ou heroína da sua historia e dava fé do que lá havia de mobiliario e roupas, era escusado ficar á espera de que elle nos contasse quantas cadeiras vira na sala, quantos quadros nas paredes, quantos frangos na caopeira. Dizia-nos sómente se se tratava de habitaçào pobre ou rica, modesta ou luxuosa, e a tal respeito nem mais meia palavra.

As fisionomias das creaturas, como o aspecto das coisas, não lhes tomavam muito tempo a pintá-las. Os tipos de formosura eram dois ou tres, dados em simples variantes de côr de olhos: azues, pretos ou castanhos; de côr da pelle: palida, rosada, clara, morena; de medidas de estatura: alta, baixa, regular; e um ou outro de alguns sinaes particulares.

As qualidades, como os defeitos moraes, não davam margem a largas apreciações. As personagens eram ou boas pessoas ou malvados. Para facilitar a narraçào, não se admitia o meio-termo. Um bombeiro era sempre um benemerito, um professor de instrução primaria sempre uma vitima, uma sógra sempre uma féra.

Dada uma tão grande escassez de recursos, como se nos dictionarios da lingua não existissem outras palavras nem no cerebro d'esses escriptores outras idéas, pergunta-se hoje como poderam elles entreter com os productos da sua literatura umas poucas de gerações, emocionando-as a seu bel-prazer, seduzindo-as e dominando-lhes os espiritos?

E' que elles eram os escriptores do seu tempo, e seria preciso que á gente de hoje fôsse possível fazer viver de algum modo a mesma



NILO PEÇANHA

NOVO PRESIDENTE DA REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

vida d'aquelle tempo, para que ella comprehendesse.

Não era um segredo d'elles, dos que escreviam: era um segredo que estava com quem os lia. As ambições não eram tantas como são hoje, e esta de toda a gente, ou quasi toda, querer que a tomem por *espírito superior* não se manifestava senão em casos de excepção, que logo cahiam no ridiculo, e passavam a ser pratinho de muito aprego para os que tinham o juizo no seu lugar.

A mediania não era coisa que envergonhasse ninguem. Quem devia estar alto, lá estava; quem devia ficar em baixo, não ia para cima; e aquelles que, não podendo chegar muito acima, conseguiam todavia não ficar ao rez da terra, contentavam-se immensamente com a sua sorte e parecia não haver quem lhes passasse o pé adiante em ventura comedida.

Agora, não ha nada d'isso. Todos querem ser, em tudo, mais que os outros. Todos querem poder mais do que pódem, e parecer mais do que são. Ser ambicioso nem sempre é máu; mas a ambição assim é desvario. A literatura desvariou tambem, como não podia d'eixar de ser, para estar com o seu tempo; e aquella que, num dado momento, foi espelho da vida simples e razoavel de então, passou de moda.

O que ainda vale, portanto, a livros como o de Caetano Alberto, é a lei eterna das compensações. O espirito, como o estomago, queixa-se de depressa da fadiga a que o sujeitaram. O dia que se segue ao de alguma grande patuscada que meteu comesaina de complicados acepipes, é sempre dia de canja, pão torrado, e chá fraco; com as leituras dá se o mesmo: depois de um grosso tomo de realismo fisiológico-psichico, com quatrocentas paginas e mais de corpo sete compato e margens estreitinhas, sabe bem o folhear de algum desprezioso livro de novelas risonhas ou feixe de folhetins, que se lêem d'um folego e não nos deixam mais que um agradabilissimo perfume de graça e de frescura...

JOÃO PRUDENCIO.



Dr. Nilo Peçanha

Novo Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil

Como prometemos em o n.º 1099 desta revista, apresentamos hoje aos nossos leitores o retrato do dr. Nilo Peçanha, que succedeu na presidencia da Republica, pelo falecimento do Presidente dr. Afonso Pena.

Segundo a constituição da Republica, o sr. dr. Nilo Peçanha, que era Vice-presidente, assumiu a presidencia logo que se deu a morte do dr. Afonso Pena, visto este ter exercido o cargo por mais de dois annos, o que dispensa de novas eleições para a successão do mesmo cargo, sendo immediatamente investido nelle o vice presidente eleito.

O sr. dr. Nilo Peçanha, nasceu no Rio de Janeiro, por 1865, e desde os principios de sua vida publica abraçou as ideias republicanas, sendo um ardente propagandista da republica desde os bancos das escolas, onde fez o curso de direito, na escola do Recife.

Discipulo e amigo de Quintino Bocayuva, com este cooperou largamente na imprensa, para a implantação da Republica no seu país, adquirindo ao mesmo tempo grande popularidade.

Proclamada a Republica, em 15 de novembro de 1889, foi eleito deputado ás primeiras côrtes, pelo Rio de Janeiro, sendo reeleito em successivas legislaturas, e depois senador tambem pela Capital Federal, fazendo brilhante carreira parlamentar, como um dos mais distintos politicos do seu país, indicado para elevados cargos.

De facto, na eleição para a presidencia do Estado do Rio de Janeiro, o sr. dr. Nilo Peçanha foi o vencedor, e disso só tiveram a aplaudir-se os seus eleitores, porque entrando o novo presidente do Estado, numa ocasião critica, em que se desenvolvia grande crise economica pela paralisação da exportação de café e baixa do seu preço, de tal modo se houve no seu governo, que ponde conjurar essa crise, equilibrando as finanças a ponto de haver saldos, quando, ao fim de dois annos, deixou aquelle cargo, por motivo de ser eleito Vice-presidente da Republica.

Esta sabia administração conquistou-lhe as simpatias e aplausos do publico, e é nestas boas disposições que o sr. dr. Nilo Peçanha assume a Presidencia da Republica, cargo que tem de exercer até 15 de novembro de 1910, em que termina o quadriennio da eleição.

O novo Presidente da Republica, ocupava agora a presidencia do Senado e exercia o lugar de professor de direito internacional na Escola Livre de Direito, no Rio de Janeiro.

A subida á presidencia da Republica do sr. dr. Nilo Peçanha, não determinou a queda do ministerio, mas apenas uma modificação, com a entrada do sr. dr. Esmeraldino Bandeira para a pasta do interior e justiça, e do sr. dr. Leopoldo Bulhões para a pasta da fazenda.

O novo presidente patrocina as candidaturas dos srs. marechal Hermes da Fonseca para a presidencia e dr. Wenceslau Braz para a vice-presidencia da Republica, no quadriennio de 1910 a 1914.



CENTENARIO DA GUERRA PENINSULAR

Dialogo entre Murat e Bonaparte

(Concluido do n.º 1100)

NAPOLÉÃO

He preciso que eu o creia,
Só por seres tu que o dizes,
Que aliás eu te asseguro
Nada mo fizera crer.
E Bessiéres em Castella
Bem logrou suas empresas?

MURAT

Sim, Senhor, em Cabeçon
Ganhou elle algum terreno;
Porém perdeu mais Soldados,
Que alli eram necessarios,
Sómente pela vaidade,
Que temos todos na guerra;
Pois por tomar um lugar,
Que comprehende poucas geiras,
Destroçárão promptamente
Toda huma columna inteira,
E matárão setecentos
De nossas Tropas Francezas,
Sem incluir os feridos,
Que levárão a Palencia.

NAPOLÉÃO

E Castelhanos morrêrão?

MURAT

Era notorio, Senhor.
Que tão sómente quarenta
Morrêrão dos inimigos,
E que alguns pouquitos mais
Se affogárão no Pisuerga.

NAPOLÉÃO

Amigo, se isso he ganhar,
Tiramos por consequencia,
Que nos irão destroçando,
E nos deixarão sem forças.

MURAT

Se hei de dizer a verdade,
Castella foi a primeira,
Que alçou a voz, e clamou
Por seu Rei, a quem desejão
Vêr collocado no throno,
E coroado em Madrid
Com o Sestro, e c'o Diadema;
Pois apezar que se achasse
A Castella Velha toda
Inundada de Francezas,
A todos declárrou guerra.

NAPOLÉÃO

Com que armas se defenderão,
Quando se achavão sem ellas?

MURAT

Com espadins, e com páos,
E mui poucas escopetas,
Com espadas columbrinas,
Todas de ferrugem cheias,
E quatro canhões sómente
Com metralha bem disposta;
E se munições tivéssem,
Seria maior a empresa,

Que podia imaginar-se.
Em as Hespanholas forças;
Mas vendo-se sem cartuxos,
Mandou o valente Costa
Retirar os seus Paizanos,
Acção prudente e discreta,
Porém foi depois que havia
Com a maior subtileza,
Destroçado huma columna
Das nossas Tropas Francezas.

NAPOLÉÃO

E em Çaragoça quem ganha?
Humilhárão-se os Cabeças
Do va'or aragonez,
Da empreza desistindo?

MURAT

Aqui, senhor da minha alma,
Muda minha lingua fica,
E pronunciar não póde
Huma palavra sómente;
Pois unidos os Paizanos
Com a tropa Aragoneza,
He tão forte o seu valor,
E de tão superior força,
Que sahirão victoriosos
Em todas quantas pelepas
Tiverão, que forão muitas,
E todas tem sido boas,
A milhares destruindo
Francezes, como se fosse
O beber hum copo d'agua,
Quando ha calor, e 'stá fresca;
E se quizerdes, Senhor,
Acabar a França inteira,
Inviai-a a Çaragoça,
E vereis que n'hum só dia
Abrem fundas sepulturas,
E toda enterrada fica.

NAPOLÉÃO

E não me dirás, Murat,
Se ha alguma providencia
Para poder acabar
Com a força Aragoneza?

MURAT

Todo o esforço he inutil,
Porque tem uma Rainha,
A quem Palafox supplica,
E alcança quanto deseja.

NAPOLÉÃO

E Moncey está triunfante
Em o Reino de Valença?

MURAT

Cobardemente escapou,
Senão prisioneiro fica;
Mas seu Exercito em parte
Destroçárão com viveza;
Pois o que mais o assombrou
Foi a grande ligeireza,
Com que muitas Valencianas,
Dando huma curta carreira,
De hum pulo s'escarranxavão
Em as ancas dos Cavallos
Das nossas Tropas Francezas,
E puxan'Jo de hum punhal
Lhe matavão os Soldados,
Que hião de cabeça abaixo;
E ganhando logo as sellas,
Se firmavão com destreza:
Acção a mais valorosa,
Que nas historias se conta,
E que a par d'ella he vergonha
Fallarmos em Friedland,
Yena, Austerlitz, ou Marengo.

NAPOLÉÃO

Com que toda a nossa maxima,
Sagacidade, e cautela
Nos tem sahido ao contrario!
Ah! Murat, quem nos dissera
Que a arrogancia Hespanhola
Abateria a Franceza!
Dize, e agora que faremos?
Mandarei as tropas vir,
Para podermos, ao menos
Livrar-nos, e estar seguros?

MURAT

Inda ha outro inconveniente,
As provincias não as deixão;
E receio que os Ingleses
Se hajam com ellas unido,
Por cuja razão á França
Hum só Francez jámais torne.

NAPOLEÃO

Pois amigo, estamos mal:
Sempre pensei que as promessas,
Que fazia aos Hespanhoes,
De os tornar muito felizes,
Os deixaria em socego;
Pois não sabião as tramas,
Que astuto lhe tinha urdido.

MURAT

Ah! quanto vos enganais!
Tambem eu assim pensava;
Porém depois que na Hespanha
Entrei, fui desenganado,
Que os Hespanhoes mui matreiros
Dissimulavão astutos
O rancor, que n'alma tinhão
A's nossas Tropas Francezas,
E que zombavão ufanos
Das minhas Proclamações;
E com pasquins e dacterios
Davão bem a conhecer
Que penetravão a fundo,
Qual era o nosso systema.

NAPOLEÃO

Pois não tem a Hespanha medo
Das victorias dos Francezes?
Não lhe lembra que elles podem
Unir-se aos seus alliados,
E destruir para sempre
Toda a força Castelhana.

MURAT

Napoleão, tu fizeste,
Tégora a guerra sómente
Aos Reis, e ainda não sabes
O que he ter guerra com Povos:
Aos reis anima o capricho,
Aos povos a causa propria.
Os Hespanhoes não se assustão.
Elles sabem que da Russia
Os soccorros vem mui tardos:
Que Confed'ração do Rhin,
Inda que queira não pôde:
Que a França está esgotada:
Que a gente n'ella he mui pouca
Capaz de pegar em armas,
Pois as conscripções tem sido
Todas sempre adiantadas.
Que ha ricas bellas pinturas,
Quadros, marmores luzidos;
Que tudo o que a antiguidade
Mais estimava, ha na França
Pois nos outros os tyrannos,
Mas dinheiro nem real.
Algum que astutos roubamos
Nos terrenos que invadimos,
Já 'stá gasto ha muito tempo;
E o que nos dava a Hespanha
Para sustentar a guerra,
Cessou, pelas velhacadas,
Que fizeste a Fernando,
E a toda a Real Familia;
E por isso bem conhecem,
Que o Imperador Francez,
Inda que tenha vontade,
Não tem gente, nem dinheiro
Para proseguir na guerra.

NAPOLEÃO

Ah! Murat, ainda mal
Que tanta verdade fallão!
E que farei para que possa
Da Hespanha ver me livre?
Em tão lastimosa scena
Logo escrevo a Portugal,
Dizendo a Junot que venha.

MURAT

E por onde ha de passar?
Se as Tropas Portuguezas
Unidas com os paizanos
Já tem feito seu cordão,
E não o deixão sahir,

Pelas muitas sentinellas
Avançadas, que hão disposto
Para podello caçar,
Como rato em ratoeira.
E ver se ha precisado
A render-se, quando veja
Que os comestiveis lhe faltão,
E não lh'os podem levar.

NAPOLEÃO

Pois tambem os Portuguezes
Se atrevem: já não tem mejo?

MURAT

Senhor, jamais o tiverão.
Elles sómente esperavão
Hum tempo opportuno, e proprio;
E depois que os Hespanhoes
Corajosos sacudirão
O jugo, que ainda mal posto
Muito pezava em seus hombros,
A tão nobre, e bello exemplo
A's armas todos correrão.

NAPOLEÃO

De todo estamos perdidos,
Murat, e não ha remedio?

MURAT

Hum, Senhor, sómente resta.

NAPOLEÃO

E qual he, amigo, dize?

MURAT

He enviar a Fernando
Com amor, e com grandeza,
Senão podemos temer,
Que algum trabalho nos venha.
Elle é um Rei verdadeiro,
A elle todo o Hespanhol
Venera, e por elle ha de
Com a unica complacencia
A' morte sacrificar-se;
E logo que o enviardes
Póde ser que os mova isto
A compaixão, e se apiadem
Do territorio Francez;
Mas se obrardes o contrario,
Nem sómente uma Cidade
Ficará em toda a França,
Cortar-vos-hão a cabeça,
E a mim virão a tirar-me
O meu Ducado de Berg;
E se escaparmos primeiro,
Que estas coisas nos não succedão,
Tornarei inda outra vez
A limpar as chaminés,
Que como fui grande mestre,
Ainda me lembrarei.

NAPOLEÃO

Que pensamentos tão vis,
E que vilezas tão baixas!
Quem pensa no que ha passado,
Ou d'essas coisas se lembra?

MURAT

Tu bem sabes que meu pai
Era Forneiro em Paris,
E admirar-te não deves
Do que acabo de dizer:
Mas se não te agrada isto,
Iremos desconhecidos,
Longas terras viajando,
Exercer outra officina,
Que he de mais brilhante 'sfera:
Amola facas, tesouras
Eu d'um lado gritarei;
Tu do outro apregoando
Fusos, palitos e rocas,
Por mil terras, mil Cidades,
Ganharemos nossa vida.
Fugindo assim disfarçados
Do leão enfurecido,
Que com soberba Nobreza
Nas garras destroça ufano
Aquella Águia, que atrevida
Quiz rapinar com vileza
Ricos thesouros da Hespanha,
Sem ter n'ella algum dominio.
Prova que dá testemunho,

Que não servem nossas forças,
Se o ardil, e a mentira
Não estão sempre em seu apoio.

NAPOLEÃO

Ah! que estou desesperado!
Nada valerão as tramas
Que ardiloso tenho urdido.
A França vai a acabar se,
E os Povos, que hei debellado,
São os mesmos que contentes
Do throno me precipitão!

MURAT

Pois que esperas tu, Senhor,
Das maldades que tens feito?
Justos castigos do Ceu
Serão o seu digno premio.
Enganaste aos Polacos,
Promettendo lhe fazellos
Huma Nação sobre si.
Esmagaste aos Prussianos,
Que havião cooperado
Aos teus maljitos intentos.
E tiveste em menoscabo
Os Generaes allemães,
Que tão vilmente compraste;
E a outros muitos a paga
Foi dar-lhe huma escura morte.
Ultimamente mandaste
Gente armada a Portugal
Para proteger os Luzos
Das invasões dos Ingleses,
De que forão sempre amigos;
E a vossa Protecção
He roubar-lhes quanto tem,
E até o seu proprio Rei
E por fim, na Hespanha tendes
Committido mais villezas
N'um só dia, do que Nero
Fez em toda a sua vida.
Arrependei-vos, Senhor,
Emquanto se vos dá tempo:
Inviai a Inglaterra
Um Commissario, pedindo
Que trate a paz logo logo.
Ide procurar Fernando,
Humilhai vos a seus pés,
Dizei-lhe que vos perdõe,
Que proteja a vossa causa;
Póde ser que enternecido,
Pois tem de piedade entranhas,
A vossa causa advogue;
E que senão Imperador,
Cheio de pomposos tit'los,
Ao menos algum Casal
Se vos dê, aonde passeis
O resto da vossa vida
Com minha innocente irmã,
Que n'esta Comedia ha feito
O papel d'Imperatriz,
Passar livre d'agonias.

NAPOLEÃO

Vamos, Murat, não serves:
Teus pensamentos mui baixos.
A morte foi sempre aos Grandes
A partilha mais preciosa.

MURAT

Pois eu que a minha Grandeza
Tem sempre sido emprestada,
Quero viver, mais que seja
Carretando barris d'agua
Adeos, Cinhado,

NAPOLEÃO

Adeos

MURAT

Queira Deos que antes de muito
Não estejas arrependido.

FIM



A CRISE DA REGIÃO DO DOURO

Eu estou ouvindo de toda a parte os clamores
alarmantes da crise do Douro, dessa rica provin-
cia que outr'ora despejava pelo mundo os toneis
de seus preciosos vinhos a trôco do ouro com que
lhes pagavam.

A CRISE DA REGIÃO DO DOURO

Eu estou ouvindo esses clamores nas azas do vento, não digo bem, nas folhas políticas que todos os dias gemem queixumes, descrevendo os horrores da miséria que se alastra por toda aquella terra, onde as mesmas vinhas vicejam, mas onde os mesmos toneis já não se esvaziam e por isso sua riqueza é desvalorizada.

Eu estou ouvindo tudo isto e também estou lendo cartas de amigos que dali me escrevem, muito á puridade, lamentando que a daninha politica se metesse de gorra — com toda a propriedade do termo visto tratar-se de vinhos — a espremer do caso o que elle pôde dar.

Não admira nada; por muito menos a politica cabrióla, faz das suas e, nestes casos, não ficando a dever nada ás traficancias do comercio que pôz á dependura os lavradores do Douro, que se vêem obrigados a abandonar as suas vinhas, já não tendo vasilhas para o vinho, guardado de annos para annos sem consumo, e sem trabalho a população arrastando vida de miséria.

E' uma crise de abundancia que redunde em fome!

Singular caso é este cujas verdadeiras causas não me parecem estudadas, ou postas á luz.

Em todo o Portugal e em todo o mundo se consomem vinhos com o rotolo do *Douro*, ou, mais conhecido, do *Porto*, entretanto todo o país duriense não vende os seus vinhos, de que resulta ser bem manifesta a falsificação.

Se as falsificações são feitas no estrangeiro, cumpre aos governos, por meio de tratados de

comercio, fazer respeitar as marcas, e evitar que apareçam outras supostas, sendo isso bem consignéado e acordado com os governos com quem se celebrem esses tratados.

Alguma coisa de facto ha feita nesse sentido com o tratado luso-alemão, pendente ainda do parlamento português, e outros ha entabulados nesse para o mesmo fim com outras potencias.

Mas o mal não vem só de fóra, infelizmente,

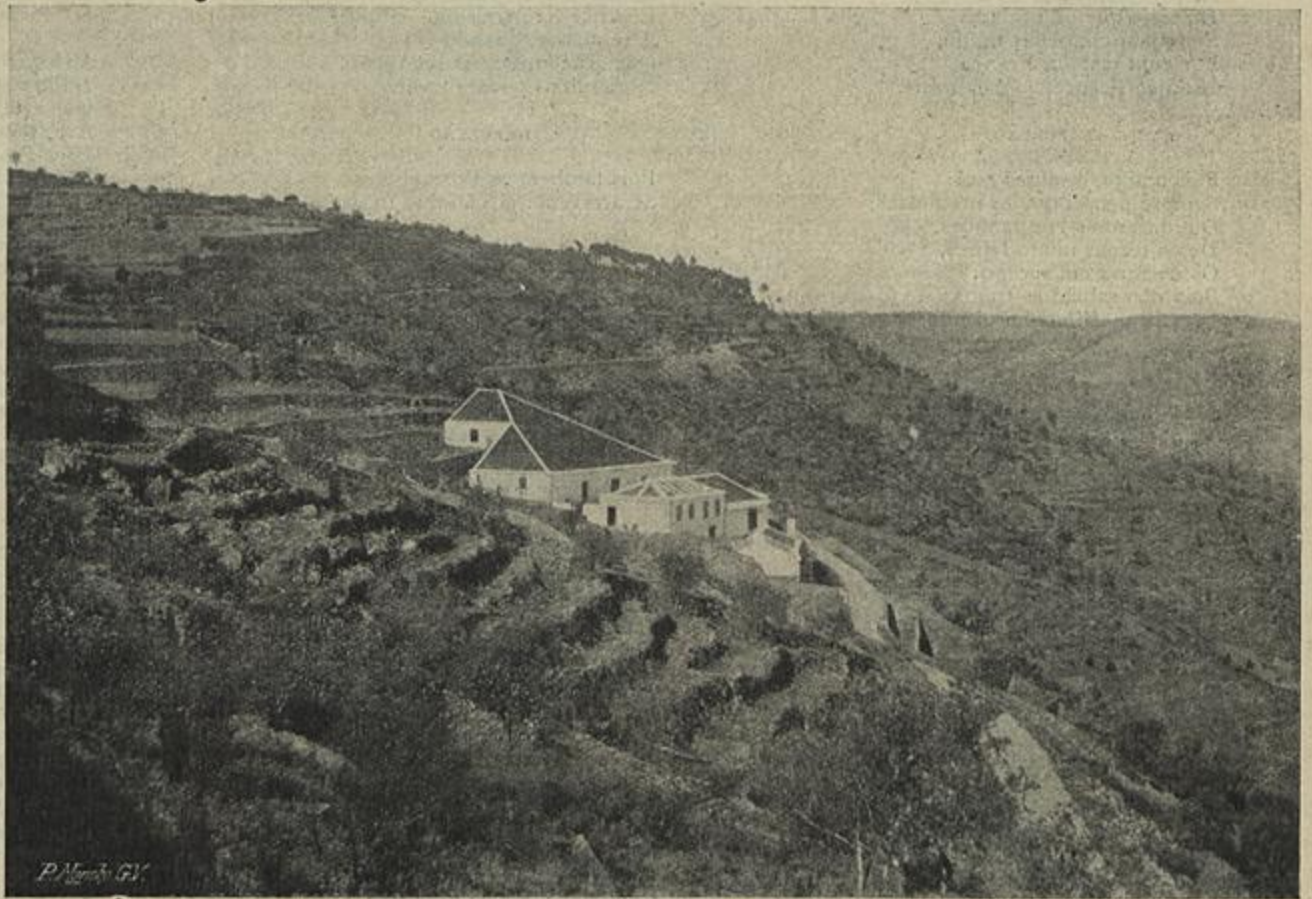
de casa é elle talvez peor, mais complicado, difficil de remover, implicando taanto com o comercio, como com a politica, num amplexo fraternal de interesses faceis de avaliar.

A questão é velha, vem de mais de seculo e meio, e não se pôde recordar sem estremecimentos de horror pelo que então se praticou.

A cidade do Porto sabe muito bem o que se passou em suas praças e ruas, onde se levantaram tumultos e onde se levantaram forcas, tudo motivado na questão dos vinhos do Douro.

Já a esse tempo os viticultores representavam ao governo de Sebastião de Carvalho e Mello, contra as falsificações que os taberneiros do Porto faziam dos vinhos do Douro, e de acordo com o sabio ministro de D. José I, era criada a *Companhia geral de agricultura das vinhas do Alto Douro*.

Os estatutos dessa companhia, formados de cincoenta e tres capitulos, defendiam por todos os modos a genuidade dos vinhos do Alto Douro, pondo as maiores restrições ao comercio desses vinhos, quer no país, quer para exportação estrangeira, o que era regulado por guias de embarque devidamente autenticadas da procedencia. Reserva-se, emfim, a Companhia o exclusivo da venda dos vinhos de toda a região do Douro, marcando até o numero de taberneiros, que no Porto podiam vender os seus vinhos, que não excedia a noventa e cinco, quantos determinava o alvará de 23 de fevereiro de 1605, auto de vereação de 18



A QUINTA DO CAVADINHO, EM PROVESENDE



UMA FEIRA EM GUIÃES

A CRISE DA REGIÃO DO DOURO



GRUPO DE FAMINTOS DA FREGUEZIA DE FAVAIOS

de junho de 1755 e provisão da mesa do Desembargo do Paço de 23 de agosto do mesmo anno.

Esta *dura lex* foi confirmada em todas as suas condições por alvará de 10 de setembro de 1756, declarando-se F. l-Rei D. José I protetor da Com-

panhia, para maior firmeza e irrevocabilidade de sua execução.

Os taberneiros do Porto, porém, é que não estiveram pelo ajuste, e na manhã de uma quarta feira de cinza, a 23 de fevereiro de 1757, levantaram-se em motim auxiliados pela plebe, dando

gritos de: *viva o povo, morra a Companhia.*

Os amotinados entraram em casa do juiz do povo e levaram-no em charola ao regedor das justiças para que abolisse a Companhia e fazendo com que elle expedisse ordens para cada qual comprar e vender vinho livremente. Enquanto os sinos da Sé e da Misericórdia tocavam a rebate, outros amotinados assaltavam a casa de José Belesa, provedor da Companhia, onde foram recebidos a tiro, o que não impediu de partirem a mobilia, rasgarem papeis e atentariam até contra a vida dos moradores, se estes não se refugiassem no corpo da guarda.

Pouco durou a liberdade que os amotinados taberneiros alcançaram, porque cinco dias depois, o governo, por carta regia de 28 de fevereiro, mandava proceder a uma devassa dos acontecimentos, dando esses poderes ao desembargador João Pacheco de Vasconcellos, com a autoridade de prender os implicados, ainda antes de culpa formada e de os processar sumariamente, sem mais formalidades. Para escrivão desta alçada foi nomeado o dr. José Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Mello, e dada a mercê de desembargador da Casa da Suplicação.

Não se fez, pois, esperar o castigo que foi terrível. Nada menos de 478 processos se instauraram para outros tantos reus, incluídas 54 mulheres.

Na formação e seguimento destes processos, produziram-se monstruosos escandalos por parte de José Mascarenhas, na inquirição de mulheres que iam depôr ou suplicar por seus paes,

maridos ou irmãos. De tal modo se conduzia José Mascarenhas, revelando todo o seu sinismo e incontinencia, que despertou a aversão do publico, a ponto de só poder sahir á rua escoltado por uma força de cavalaria, para escapar á indignação e ira populares.



GRUPO DE CRIANÇAS AÇORIANAS QUE TOMARAM PARTE EM UMA RECITA, EM ANGRA DO HEROISMO

(Fotografia enviada pelo sr. Gervasio Lima)

A açada proferiu, a 12 de outubro, as sentenças dos reos justicados, sendo condemnados á pena capital 21 homens e 5 mulheres. Com pena de açutes, galés e confiscação de metade de bens 26 homens. Com açutes, confiscação e degredo 8 homens e 9 mulheres. Mais 3 homens e 1 mulher com degredo e multas e mais 9 também com degredo e confiscação da quarta parte de bens. Mais 20 homens com degredo e confiscação de quarta parte de bens. Desterrados para fóra da comarca e confiscados a quarta parte de bens, 26 homens e 5 mulheres. Com seis mezes de prisão e multas 54 homens e 9 mulheres. Além destes, foram condemnados 17 menores a irem vêr as execuções.

Eis em sucinta resenha o que foi o castigo dos amotinados do Porto, e cuja origem veio das traficancias que se faziam com os vinhos do Douro, tal qual tem sucedido pelos tempos fóra até ao presente.

Pois difficilmente se encontra na historia noticia de successo mais tragico e infame, do que este, mas ha outra coisa ainda mais difficil de encontrar: a consciencia e lisura no negocio e por isso as falsificações investem com todos os castigos.

Se os tempos de hoje permitissem, a despeito de todas as leis promulgadas contra os falsificadores, punil-os com rigores semelhantes áquelles que acabo de referir, nem por isso se evitariam as falsificações; manda, porém, a boa justiça que se imponham pesadas multas aos que traficam tão impudicamente com prejuizo manifesto de uma população numerosa a quem se lhes arranca o pão de cada dia.

Não se evoque a liberdade de commercio para taes traficancias, porque o mesmo seria que querer a liberdade de todo e qualquer fabricar moeda.

A liberdade de industria e de commercio consiste em produzir e vender productos taes quaes elles são e o consumidor que escolha os que melhor lhes convierem.

A liberdade de commercio não dá o direito de vender por brilhantes legitimos, pedras falsas.

Portugal é o país da vinha por excellencia, abundam nelle os tipos de vinhos, mesmo alguns que não tem esses fóros, tão mal fabricados são, sendo, pois, relativamente poucas as marcas conhecidas, em geral correspondentes a cada região onde são produzidos, de que resulta que as marcas mais acreditadas são as mais exploradas pelo commercio.

Nestes casos estão, além de outros, os vinhos do Douro, contrafeitos por toda a parte, com uma licença que fêre os mais rudimentares direitos, sem se lhes opôr nenhuma fiscalisação.

A crise agora revelada com mais intensidade, é a resultante desta mal entendida liberdade de commercio, e o mal não é facil de remediar senão com medidas extremas, como extremas são as deploraveis circumstancias em que se encontra a região do Douro.

O governo atendeu em parte á questão e se não resuscitou a lei pombalina andou por pé, delimitando, como aquella, as terras consideradas produtoras de vinhos do Douro e impondo restrições á sahida desses vinhos pela barra do Douro, que não sejam devidamente autenticados. Mas a sua ação politica ainda não foi tão livre que não levantasse protestos no sul, onde, em vez de crear marcas suas e de as fazer acreditar, exporta para o norte os vinhos para ali serem lotados e de lá sahirem como vinhos do Douro.

A fiscalisação que se faz no país é nula, porque de contrario feria os interesses... do commercio, de modo que parece causa sem remedio.

Em compensação, o governo decreta medidas extraordinarias para acudir á miseria do Douro, mandando abrir obras publicas nas estradas para dar trabalho ao povo duriense. A iniciativa particular, sentimental e caridosa, abre subscrições para aquella pobre gente, que não é tão pobre que não tenha a que se torne, e tudo isto em ancias de valer a um mal que está longe de se remediar por estes meios.

Quanto haverá que tenham concorrido para esta subscrição e que melhor fariam em comprar diretamente vinho aos durienses e como tal o venderem ao publico.

Tudo que não seja dar espanção aos vinhos do Douro e, portanto, levar a vida áquellas populações aniquiladas, são paliativos inconsistentes, que nem sequer atenuarão os efeitos da transição para novas culturas, porque aquellas terras as não permitem com vantajem, além da vinha que produzem.

C. A.

CREANÇAS AÇORIANAS

E' proverbial a belesa das mulheres açorianas, belesa que não deixa de se estender ao sexo forte, a que também não fica mal o ser bêlo, e assim ella desponha em qualquer dos sexos, desde os primeiros sorrisos da creança ainda no berço.

Qualquer dos grupos que reproduzimos em nossas gravuras de hoje, são prova desta asserção, porque difficilmente se poderá reunir um punhado de creanças mais formosas do que as que figuram nesses grupos.



UM GRUPO DE CREANÇAS AÇORIANAS

Ainda não ha muito nos dizia estasiado um alemão que, por tantas terras que tinha andado, em parte alguma encontrara creanças tão bonitas como em Portugal, e comtudo elle não visitára os Açores.

As creanças que se vêem no primeiro grupo, tomaram parte em uma recita de amadores que se deu ha tempo em Angra, e os graciosos trajas com que se apresentaram mais fez realçar a sua natural belesa. O segundo grupo é como se fóra um automovel cheio de flôres animadas, tanta é a graça e frescura que recendem.



Cartas d'um Viajor

Por João Arruda

Um volume de 300 paginas, em oitavo, de bom papel e impressão, com uma capa ilustrada e a cores, allegorica ao texto do livro.

Devide-se este em cinco partes: *De Santarem a Marrocos*—*No Algarve*—*Dez dias em Madrid*—*Pela Beira-mar*—*Uma visita a Lourdes*.

Como se vê, é um livro de viagens e como tal um livro interessante; pois não ha nada que mais deleitosamente entretenha o espirito, que viajar, conhecer mundo, vêr seus varios aspetos, observar povos com seus usos, sua indole, suas artes e, sobresaindo a tudo, vêr as belesas naturaes dos logares que percorremos, que são ellas emfim o que tem mais interesse para o viajante em busca de impressões novas.

Tudo isto se encontra no livro *Cartas d'um Viajor*, de João Arruda, escrito com elegancia e leveza, repassado de fina critica, algumas vezes humorista e tão bem descritos os monumentos, os logares, os costumes, os aspetos, que, sem o livro ser illustrado, a prosa os desenha a nossos olhos que os estão vendo, como João Arruda os viu e delles vem contar nas paginas do seu livro, donde, ao acaso, extrafmos uns trechos:

veiro fixemos, vôo de passaro, o que a cidade offerece de notavel ao artista e ao archeologo: o collegio de Santa Joanna Princeza, que foi das dominicanas e é hoje das educadoras da mesma ordem — uma especie de freiras modernas com menos biôco e mais sagacidade. Claustro e galerias sustentadas por columns corinthias e revestidas de bons azulejos do seculo xvi. O templo é um repositorio artistico em obra de talha. No baixo côro guarda se religiosamente o tumulo de Santa Joanna Princeza, filha de Affonso V. Maravilha da arte, em marmores polychromos, que o architecto João Antunes trabalhou, esse tumulo perde da sua grandeza por o terem ensandwichado n'um cubiculo de paredes mosaicadas. Alguns quadros flamengos no côro superior e muitos retalhos d'arte por todas as dependencias do mosteiro que o rei africano fundou em 1461.

Attrae-nos o templo de S. Domingos, com o seu cruzeiro gothico do seculo xv que o infante D. Pedro regente iniciou. Na capella-mór o tumulo de Catharina de Athaide que se crê ter sido a apaixonada Nathercia de Camões.

Não termina aqui o passado religioso d'Aveiro que os pedreiros... livres teem derruido por conta d'alguns mercadores de sal elevados á gerencia do municipio.

Ainda recentemente Ramalho Ortigão, como porta-voz do Conselho dos Monumentos Nacionaes, gritou para que afastassem o camartello de sobre o edificio dos Carmelitas De nada serviu o protesto do scintillante critico contra a burrice indigena!...

De pé encontram-se ainda, milagrosamente, a capella do Senhor das Barrocas, erguida por indicações de D. João V, as egrejas de Santo Antonio e S. Francisco e a capella da Alegria instituida no seculo xvii pela devoção dos homens do mar.

D'entre os edificios que assignalam a evolução das idéas modernas na sua gloriosa conquista, avultam o Asylo Escola, o Lyceu e a Escola Industrial «Fernando Caldeira», a mirar-se na ria, perpetuando atravez dos tempos a memoria querida do poeta da *Madrugada*.

O jardim publico, já fóra do povoado, abriga sob as suas arvores mais rheumatismo do que pas-



JOÃO ARRUDA

«Num breve giro atravez d'A-

seantes. Ao longo das aleas, d'uma frescura de floresta, a humidade requeira por todos os troncos onde as cryptogamicas se agarram, vestindo de velluzidades esses grandes vegetaes.

Atravessámos o centro civico da terra: uma praça modesta onde a figura em bronze de José Estevam aviva aos aveirenses o nome do tribuno de raça, devotado liberal que, pugnando pela grandeza do paiz nunca se esqueceu de pugnar pela grandeza de Aveiro — a terra maritima por excellencia, porque ao mesmo tempo que produz o peixe não deixa nunca de produzir o sal... correlativo.

A cidade encanta nos, com a alegria das suas casas e com o sorriso das suas mulheres. Quasi nos solicita que lhe dediquemos um pouco mais do nosso tempo, mas impossivel se torna demorar a odyssea pelas praias. O horario é apertado e o tempo escôa n'uma desordenada fuga.

Fazendo as malas, já de noite, vamos d'abalada, como Ashaverus insaciaveis, em busca de novas terras, sempre á beira — do mesmo Mar.»

Está-se vendo Aveiro, a patria de José Estevam e de Fernando Caldeira, o grande tribuno revolucionario, o mimoso poeta da *Mantilha de renda*.

Falando de Lourdes, é exuberante de vida a descrição da sua chegada áquella estancia, onde a fama da sua milagrosa agua atráe peregrinos de todo o mundo á gruta da Virgem:

«A estação de Lourdes regorgitava de peregrinos á hora em que ali nos apeámos do comboio que segue a Toulouse.

Sobre o *trottoir* rodavam com lentidão os carinhos transportando paralyticos que procuravam, na sua visita á Gruta, uma recapitulação do milagre biblico; os *brancardiers*, equipados, n'um grande apuro de maneiras e de trajos, chegavam as macas, dispensando cuidados; os padres da Gruta, nitidamente escanhoados, com os seus chapéus felpudos d'abas e as suas batinas sedosas, todo o ar de boulevardeiros, circulavam por entre a multidão, dando instrucções, organisando itinerarios, apontando nomes... Vagons enfermarias vomitavam os achacados de morte, os desiludidos da medicina, toda uma galeria hedionda, de gafos, que punha a sua mais fiel esperanza de cura no fervôr com que entoavam o cantico de Bernardette. Por entre a massa negra dos vestuarios boiavam, alvejantes, as toucas das irmãs hospitaieiras rubicundas, com olhos de garça, fazendo badalar as camandulas sobre o ventre bujudo. Ao longo da *gare* amontoavam-se os catres, as malas, as caixas, os colchões, as almofadas, n'um «pêlé-mêlé» de leilão para liquidar: era a bagagem de todos esses peregrinos que vinham da Normandia implorar á virgem «saude para os seus doentes».

Lá fóra, no pateo da estação, que abre para a cidade, os vehiculos rotulados de nomes santos, pejam o caminho, como mendigos d'arraial importunando o viandante. Os peregrinos ricos tomam os seus *landaus*, os que não aguentam a caminhada as saltamos *tramways*, mas a grande massa organisa caravana, á custa de ordens e contra-ordens, e vae, seguindo em bicha, precedida de pendões e bandeiras, á basilica, atravez das ruas, acordando os echos da montanha com a harmonia dos seus cantares que são um vibrante hymno de fé na obra de Nossa Senhora de Lourdes.»

O leitor tem deante de si todo este vivo quadro movimentado, que o autor desenha com todo o vigor da sua penna e fina observação.

Parabens ao sr. João Arruda pelo seu bello livro, que depressa vae desaparecer do mercado, estamos certos disso.

C. A.

A VELHA LISBOA

(Memorias de um bairro)

CAPITULO XVII

(Continuado do n.º 1099)

Voltemos aos curiosos de flôres

A Luis Simões Ressurgido seguiu-se o celebre Miguel José de Aguiar, cognominado, por seus merecimentos, o *White dos cravos*, o qual foi medico de el rei D. José e das flôres dos seus jardins que tratava com tantos cuidados como ao seu soberano.

Esteve elle encarregado de tratar de um dos jardins de el-rei (Figueiredo não diz qual elle era) e tão bem o fazia que eram muito a miude visitados pela familia real, especialmente na segunda feira da semana santa. — Essas atenções do monarca chegaram a criar rivalidades e partidos, porque os jardineiros de Queluz, patrocinados pelo infante D. Pedro, não podiam levar a bem tal preferencia.

O infante punha nas nuvens os seus junquillos; el-rei retorquia lhe elogiando os seus cravos e as suas rosas e fazia enfurecer D. Pedro, dizendo-lhe que os junquillos eram muito bonitos mas tinham um defeito... serem estrangeiros, ao passo que as suas flôres eram todas portuguezas de lei.

Em virtude destas zangas e amuos regios, andavam os jardineiros sempre na brecha, trabalhando ás occultas, cuidando das plantações, farejando especies novas n'um rodopio constante. Raro era o dia que a el-rei e ao infante não era apresentada uma variedade nova em floricultura.

Destas emulações resultou o enraizar-se na corte o gosto pelas flores que já identicamente atacára e entretivera a do reinado anterior.

O Aguiar era incançavel. Se via uma flor a definir-se, mina-la por qualquer bicho maligno; ei-lo ahi ia, munido de uma lanterna, fazendo rondas como uma sentinela vigilante e, infalivelmente, o bicho era morto e o mal delgado. Chegava a ir de proposito a Cintra e a outros logares afastados buscar um lenço de terra, com que voltava, como da botica, a curar os seus cravos prediletos.

Era um heroi! (1).

Defronte do palacio de D. João de Melo, a Santo Antonio dos Capuchos, esteve de 1735 até 1738 um jardim de ensaio onde só se creavam cravos, flor da maior estima em tempo do senhor D. João V (2).

O cravo era a flor da moda; entrava no Paço e morria nos justillos das mais galantes franças; perfumava as varandas burguezas, os salões da aristocracia e as secretarias dos ministros.

Uma vez (agora me acode esta lembrança) quis Alexandre de Gusmão, espirito lucidissimo da sua época, falar ao cardeal da Motta sobre um assumpto da mais alta politica; nada menos que da escolha de el-rei para arbitro da paz europeia que, segundo lhe sugerira por carta o nosso ministro em Paris, se devia realizar em Lisboa.

Sabe o leitor o que fazia Pedro da Motta, tambem ministro e irmão do cardeal? Alporcava, todo abstraído no seu trabalho, uns craveiros de raça, com tanto interesse que nem deu pela entrada do importuno a quem o cardeal acabou por despachar nos seguintes termos:

«Deus tem-nos conservado em paz; não queira V. Ex.^a meter-nos em arengas!» (3).

Falei já dos negociantes estrangeiros que, ou de passagem ou permanentemente, aqui vendiam flores. A coleção (não completa) das Gazetas de Lisboa da-nos informes certos e uteis desse genero de comercio e fala-nos tambem de floristas nacionaes.

O primeiro de que tenho menção foi um hollandês Manuel José Vermuêlé, morador na rua Formosa em 1722. Mais tarde mudou-se (em 1727) para a rua da Cruz de Pau onde ainda em 1739 estava estabelecido. Vejo annuncios seus nas gazetas de 1739. Aqui perco-lhe o rasto (4).

Nesse tempo apparecem tambem, annunciando na gazeta a mesma mercadoria, João Vieira, morador á Boa-Vista; João Baptista, á Horta Sêca; Cipriano e Jacome da Costa, na rua nova de Jesus; Francisco Jacob Straeburg, defronte da Moeda; Nicolau Uri (ou Hurre) e Manuel Massa, ao arco da Paciencia, que ficava ao fundo do actual Alecrim; José Lilo Vermuêlé (talvez irmão do outro); João Baptista Fravega (ou Flavêga), na rua das Flores, perto da casa do marquês de Valença e um francês que morava ás obras do conde de Tarouca em casa de Angelo Fravel, fabricante de aletria (5).

(Continúa)

G. DE MATOS SEQUEIRA.

(1) Vol. 14.º do Teatro de Manuel de Figueiredo — Anotações de meu irmão e coronel Francisco Coelho de Figueiredo.

(2) *Gazeta* de 1-5-1738.

(3) *Varões illustres do Brazil*, por Pereira da Silva —

1.º volume — pag. 240.

(4) *Gazetas de Lisboa* de 1722 a 1740.

(5) Idem idem.

O novo salão de vendas da «Singer»

Quem é que não conhece a *Singer*, essa primeira maquina de cozer que ha cincoenta annos principiou a espalhar-se pelo mundo, operando uma verdadeira revolução na economia das familias, como nas varias industrias a que é applicada?

Quem não sabe que a maquina *Singer* é o produto de uma poderosa companhia estabelecida em New-York e que triunfalmente tem resistido a toda a concorrência, que maquinas similares doutras marcas com ella tem tentado estabelecer?

Sabem no todas as familias; sabem-no todos os industriaes que na sua industria aproveitam estas maquinas, que tem irradiado para todos os paes, onde se encontram na casa do rico como na do pobre, nas cidades como nas mais sertanejas aldeias, porque em toda a parte são necessarias e uteis.

Portugal não é dos menores consumidores das maquinas *Singer* e por todas as terras do reino ellas se encontram nas filiaes das sucursaes de Lisboa e do Porto, sob a direcção dos srs. Francisco Xavier Peixoto, director geral da companhia em Portugal, e Albano Ruivo, gerente nesta cidade.

A sucursal em Lisboa, que ha annos estava estabelecida nos baixos do *Avenida Palace*, á rua do Principe, mudou agora a sua instalação para os baixos do palacio Anjos, á Praça dos Restauradores, esquina da travessa de Santo Antão.

As novas instalações permitem-lhe uma largueza que não tinha, e se tornava necessaria para o desenvolvimento que a sucursal da *Singer* tem atingido em Lisboa.

A exposição de maquinas *Singer*, que podêmos vêr no seu novo salão, é a mais completa de sistemas aperfeçoados, para costura de roupas brancas, modistas, alfaiates, ajuntadeiras, luvás, para plissar e fransir, para bordar e correiro, etc., numa prefusão que enchia toda a vasta sala.

Que diremos agora do luxo e arte com que está decorada esta grande sala, das mais sumptuosas que hoje se pôdem admirar em estabelecimentos de Lisboa e que está atraindo as atenções do publico.

O sr. Francisco Xavier Peixoto, director geral da Companhia *Singer*, em Portugal, encarregou a decoração desta sala ao conhecido pintor-decorador sr. José Maria Pereira Cão, hoje o decano da sua classe.

Não obstante conhecermos de ha muito os meritos de Pereira Cão e apreciarmos seu valor artistico, devemos confessar que nos surpreendeu esta sua nova obra, não sabendo que mais admirar se a arte com que está feita, se o artista que aos 75 annos de idade ainda produz trabalhos daquella ordem, porque foi elle que a pintou, empleirado sobre andaimas, donje por sinal café, segundo nos consta, na tarde de 23 de abril com o tremor de terra que nesse dia, destruiu uma parte das povoações do Ribatejo e se sentiu em Lisboa.

E' preciso ter ainda grande fôrça de pincel e vista apurada para pintar aquellas delicadas motivos decorativos, estilo Luiz XV, predominando as flores de fresco e vigoroso colorido, lindas rosas que se entrelaçam em volta do grande tecto, em apainelados, ao centro dos quaes uns graciosos anjinhos alados levam em triunfo uma maquina *Singer* e uma almofada bordada, numa alegoria bem composta.

Tôja esta decoração é extremamente delicada, de grande sobriedade de colorido que lhe dá fôrça e distincção.

Este lindo tecto sustenta-se sobre elegantes columnas de espelho oitavadas e com relevos, pondo seus reflexos de luz na grande sala, onde pelas paredes de um fino tom de seda côr mate, se dispõem quadros especimens de delicados trabalhos feitos com maquinas *Singer*.

À noite, com a iluminação de profusas lampadas electricas, o aspeto da sala é fantastico, realizando o efeito dessas mansões de fadas que se lêem nas historias de princesas encantadas.

A decoração exterior é tambem muito artistica, predominando bellas pinturas em vidro, do distinto pintor, sr. Manuel Francisco dos Santos, vantajosamente conhecido por trabalhos deste genero, e que se pôdem admirar em muitos estabelecimentos da cidade.

A Companhia *Singer* pôde orgulhar-se das splendidas instalações da sua sucursal de Lisboa, que seguramente é uma das mais bellas que possuem nas principaes cidades do mundo.



AS NOVAS INSTALAÇÕES DA COMPANHIA «SINGER», EM LISBOA
SALÃO DE VENDAS, ESTILO LUIS XV, NA PRAÇA DOS RESTAURADORES, 42, B

Consultorio Dentario

Do Dr. Ferreira Pires

Diplomado em Philadelphia e Escola Medica de Lisboa

Extração dos dentes sem dor

Dentes artificiaes colocados sem placa

LISBOA — Rua Jardim do Regedor, 43, 1.º — LISBOA

ÁGUA DE MESA DIGESTIVA Propriedade das Hortas ALCOCHETE

A agua mais barata que se encontra á venda — Garrações de 5 litros 120 réis

Segundo a opinião de muitos medicos da capital, consideram esta agua magnifica e de efficacia em regularisar as funções do estomago e dos intestinos. Está oficialmente analysada.

**DEPOSITO GERAL: Fructaria Internacional, de Antonio Ribeiro Cardoso
6, Rua do Loreto, 8 — LISBOA**

E. Santos & Freire

LISBOA

Camisaria, gravataria, luvaria e perfumarias

ROUPAS brancas para homens, senhoras
e creanças, cama e mesa

Executam-se enxovaes para casamentos,
baptisados e collegiaes

24, PRAÇA DE D. PEDRO, 25

Secção especial de commissões, consignações e
negócios commerciaes a cargo do sócio Fernando
Freire.

20, RUA DO PRINCIPE, 22



Deposito das afamadas rendas de Peniche

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os
organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

Collegio Francês * Instituto primario e secundario

Auctorisado por Alvará Regio de 25 de julho de 1904

Rua de Nossa Senhora do Resgate, 6 (Avenida D. Amelia)

|| LISBOA ||

EDIFICIO PROPRIO E ESPECIALMENTE CONSTRUIDO PARA COLLEGIO

Matricula permanente de alumnos internos, semi-internos e externos, em todas as classes de instrucção primaria, curso dos lyceus, curso pratico do commercio, gymnastica, esgrima, musica, dança, etc.

Achando-se este instituto installado em edificio, que foi propositadamente construido para collegio, as suas condições satisfazem todas as exigencias da pedagogia e hygiene moderna. Dispõe de vastissimas aulas, amplos e arejados dormitorios, magnifico refeitório, casa de banho com todas as comodidades e um excellente parque para recreio dos alumnos.

O corpo docente é composto dos mais auctorisados professores e os magnificos resultados dos exames, todos os annos são a mais segura garantia da nossa solicitude e escrupulo na escolha do professorado.

Enviem-se pelo correio prospectos do collegio, regulamentos e tabella das refeições.

O director e proprietario — ALFREDO DA COSTA E SILVA (Nomeado director por Alvará de 28 de dezembro de 1903)